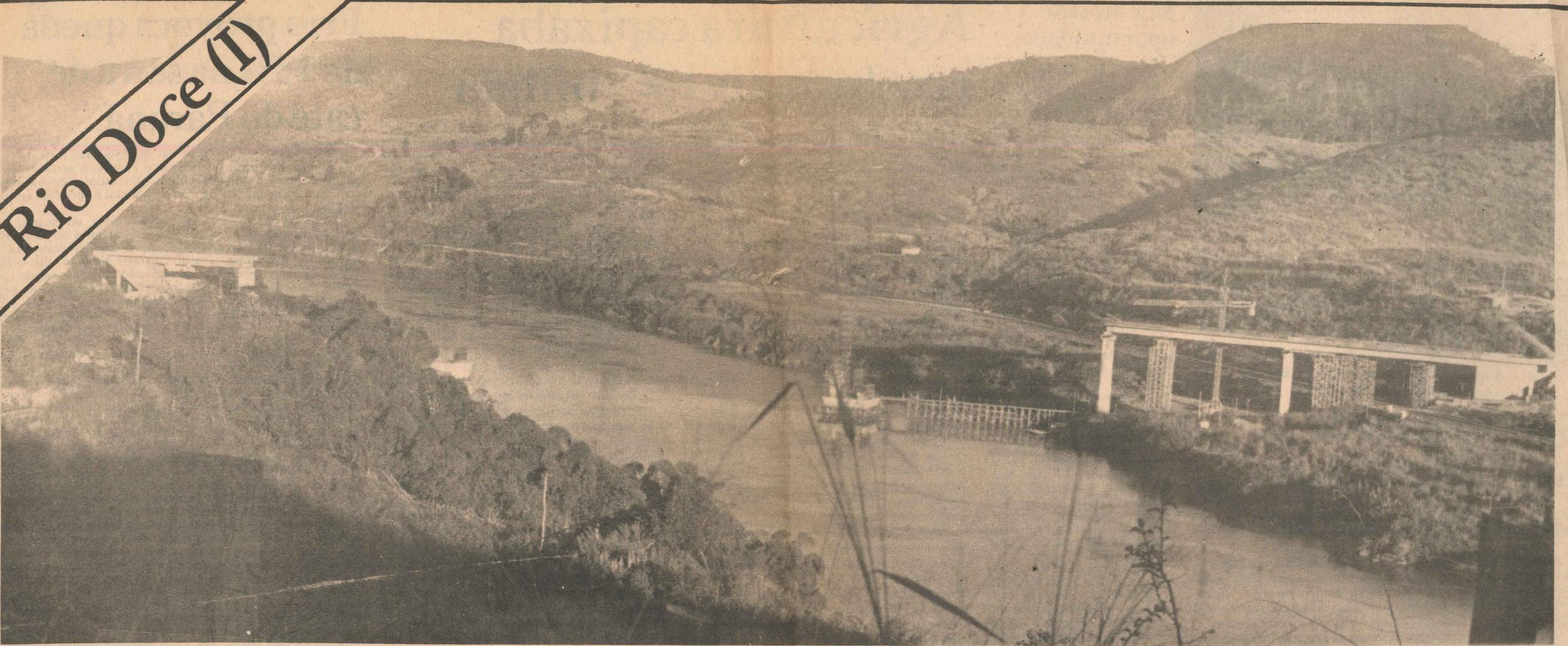


Rio Doce (I)



A nova ponte que está sendo construída na propriedade da família Fontenelle

Projeto da CVRD pode reativar a navegação

Por Pedro Maia
Fotos de Ailton Lopes

O projeto da Companhia Vale do Rio Doce — CVRD — visando a reativação da navegação no Rio Doce poderá, se aprovado e executado, mudar por completo o panorama sócio-econômico de toda a região Norte do Espírito Santo. Este projeto, ainda em estudos pela administração da CVRD, tem como ponto primordial o aproveitamento do leito do rio para o transporte de minérios que deverá ser trazido por mineroduto até a localidade de Mascarenhas e dali em barcas até o Porto de Regência, na foz do rio, sendo então levado por mar para a Siderúrgica de Tubarão, no município da Serra.

A implantação da nova Siderúrgica de Tubarão — CST — forçosamente elevará o consumo

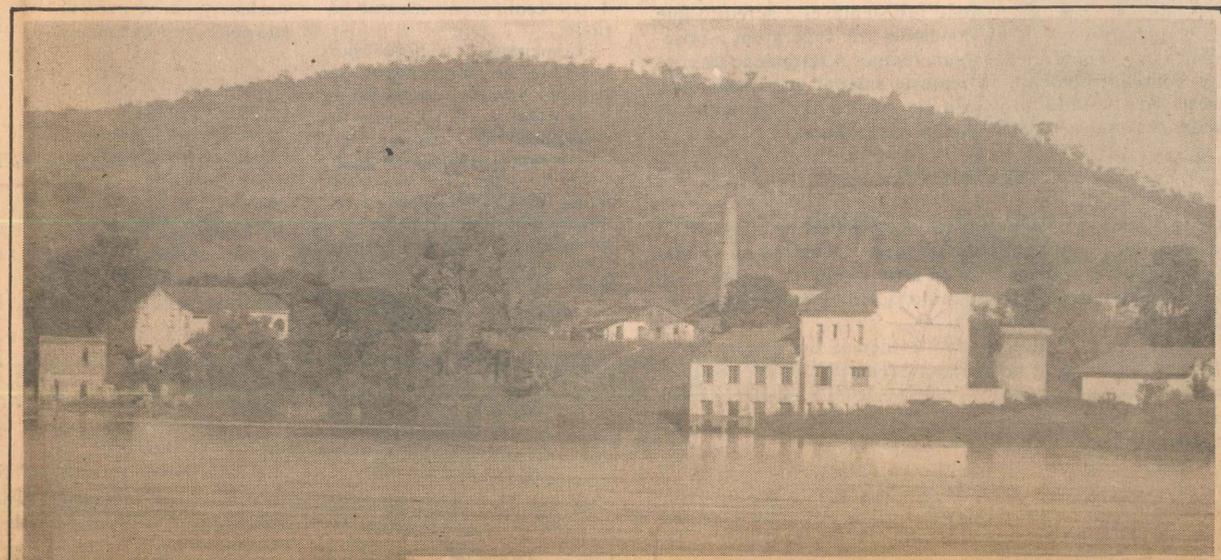
se funde com o rio Piranga. Mas é somente na confluência com o ribeirão do Carmo e que toma a denominação de Doce.

Apesar de se encontrar na região brasileira que caracteriza os rios das encostas do Planalto Atlântico, o rio Doce tem, sem dúvida, um aspecto de rio de planície: o curso é geralmente lento, as margens baixas e alagadiças, embora conte em grande extensão de seu curso, com inúmeras corredeiras e pequenas quedas. Desde a sua nascente o rio segue a direção Norte, subindo em direção ao São Francisco. Porém, em Governador Valadares faz uma grande curva, seguindo para Sudeste. E entra no Espírito Santo pelo município de Baixo Guandu indo encontrar com o oceano Atlântico em Regência, depois de atravessar cerca de 160 quilômetros do solo capixaba.

localidade de Santa Cruz, no litoral do Espírito Santo. Mas a nova ponte, que vai substituir a que foi carregada pela enchente de 1979, deverá ficar pronta dentro de noventa dias, voltando a normalizar a ligação entre as duas margens do rio.

No porto de Baixo Guandu o movimento de passageiros entre uma margem e outra do rio é grande e ali funcionam alguns quiosques, que atendem ao fluxo diário de pessoas. A estrada de rodagem entre Baixo Guandu e Colatina, mesmo deficiente, é bastante transitada por ser o caminho mais rápido entre uma cidade e outra. E esta estrada passa pela margem oposta do núcleo central de Baixo Guandu, o que justifica o movimento na travessia do rio Doce naquele ponto.

O prefeito de Baixo Guandu, Wilson Santana Lopes, afirma



para o município de Tubarão, no município da Serra. A implantação da nova Siderúrgica de Tubarão — CST — forçosamente elevará o consumo de matéria prima a ser fornecida pela Vale do Rio Doce exigindo maior mobilização do sistema de transportes da companhia, que atualmente tem por base a locomoção por ferrovias. Sabe-se que a produção da CST, em seu funcionamento pleno, deverá quintuplicar as atuais necessidades, razão pela qual a Vale do Rio Doce estuda o meio mais viável de atender a esta exigência, a médio prazo.

SONHO

O sonho de reativação da navegação do Rio Doce não é novo e por diversas vezes foram realizados estudos na bacia do rio, visando à elaboração de projetos neste sentido. No governo de Cristiano Dias Lopes — em 1970 — foi feito um destes levantamentos que acabou revelando ser inviável a dragagem do leito do rio, devido ao adiantado estado de assoreamento em que já se encontrava. Nos nossos dias este assoreamento — acúmulo de areia no leito — é a grande ameaça para todas as comunidades ribeirinhas, sempre expostas a grande prejuízos causados pelas enchentes, naturais das épocas das chuvas.

Recentemente o prefeito de Linhares, sr. Luís Cândido Durão, enviou ao ministro Mario Andreazza, do Interior, um apelo no sentido de que o Governo Federal providencie, o quanto antes, a dragagem do leito do rio Doce, prevendo uma possível catástrofe caso se repitam as chuvas que se abateram sobre a região em 1979. Os engenheiros do DNOS, em Linhares, afirmam que o atual estado do rio Doce é criticado e que a dragagem, principalmente na foz do rio, é "uma necessidade urgente".

O rio Doce nasce no Estado de Minas Gerais, na serra da Mantiqueira, próximo à cidade de Barbacena, com o nome de Xopotó. No município de Senador Firmino, ainda em Minas Gerais,

oceano Atlântico em Regência, depois de atravessar cerca de 160 quilômetros do solo capixaba.

MARCO

Atualmente não existe mais o marco que indicava a divisa do Espírito Santo com Minas Gerais: ele foi levado pela última enchente do rio Doce, em janeiro de 1979. Este marco ficava na propriedade do sr. Juracy Teixeira Prata, que é a primeira a ser banhada pelo rio Doce, em território capixaba.

Nesta região ficam as famosas "escadinhas", que são formadas por uma extensão de três quilômetros de rochas, onde o rio desce em corredeiras que tornam impossível a navegação por aquele trecho. Este local foi aproveitado para a construção da primeira usina hidroelétrica do Estado, fundada em novembro de 1926 pelo empresário Berlamino Pinto, que acreditou no êxito daquele empreendimento, audacioso para a época. Esta usina piloto, que foi a precursora da atual "Hidroelétrica de Mascarenhas", foi vendida em 1930 para "Holz, Lutzow & Cia", que por sua vez a passou para Fritz Egon Lutzow. A pequena usina funcionou até 1959 sob a denominação de "Hidroelétrica Lutzow S.A.", prestando relevantes serviços a região, fornecendo energia, inclusive para Resplendor, em Minas Gerais.

Cerca de seis quilômetros de Baixo Guandu foi construída a "Hidroelétrica Mascarenhas", que seria inaugurada em fins de 1974. A obra foi resultado de convênio entre a Escelsa e Eletrobrás encampando a antiga "Lutzow S.A.", que ainda pode ser vista à margem direita do rio, parcialmente submersa pelas águas da nova represa.

BALSAS

Atualmente a travessia do rio Doce, em Baixo Guandu está sendo feita por meio de balsas e barcos, sendo o serviço explorado pelo empresário Walter dos Reis. Walter explora serviço idêntico na

travessia do rio Doce naquele ponto.

O prefeito de Baixo Guandu, sr. Wilson Santana Lopes, afirmou que a possibilidade de reativação da navegação do Rio Doce é de vital importância para seu Município que possui consideráveis riquezas minerais, ainda inexploradas justamente devido à falta de meios para escoamento destes produtos. Citou como exemplo as minas de feldspato, usado na fabricação de louças e aparelhos sanitários, e do granito verde que é um material mais resistente que o mármore. Por esta razão acredita o prefeito Wilson Santana Lopes que, caso se torne realidade o projeto agora elaborado pela Vale do Rio Doce, toda a região irá ser grandemente beneficiada.

OCUPAÇÃO

De Baixo Guandu a Colatina o traço dominante da paisagem é a magnitude do Rio Doce. O início da ocupação do vale neste trecho só foi possível após a construção da estrada de ferro Vitória-Minas, nos primeiros anos do século. A falta de estradas de rodagem ao longo da grande artéria fluvial e as condições desfavoráveis do rio à navegação, deram à ferrovia o papel de pioneira e de fator principal para a colonização. Nas margens do Rio Doce, nesta região, estão instaladas hoje fazendas de criação pecuária e plantações diversas, que substituíram o primeiro estágio — a derrubada das matas. Técnicos em solo afirmam que a região tem grande possibilidades agrícolas devido aos aluviais ali existentes. Porém, estas possibilidades não são de maneira geral aproveitadas pelo homem ocupador dos terrenos que formam a grande bacia do Rio Doce. A distribuição da população é rarefeita, notando-se certos adensamentos que correspondem às áreas onde as retiradas das matas foi mais profunda. Grandes propriedades, como a do fazendeiro Odilon Milagres,

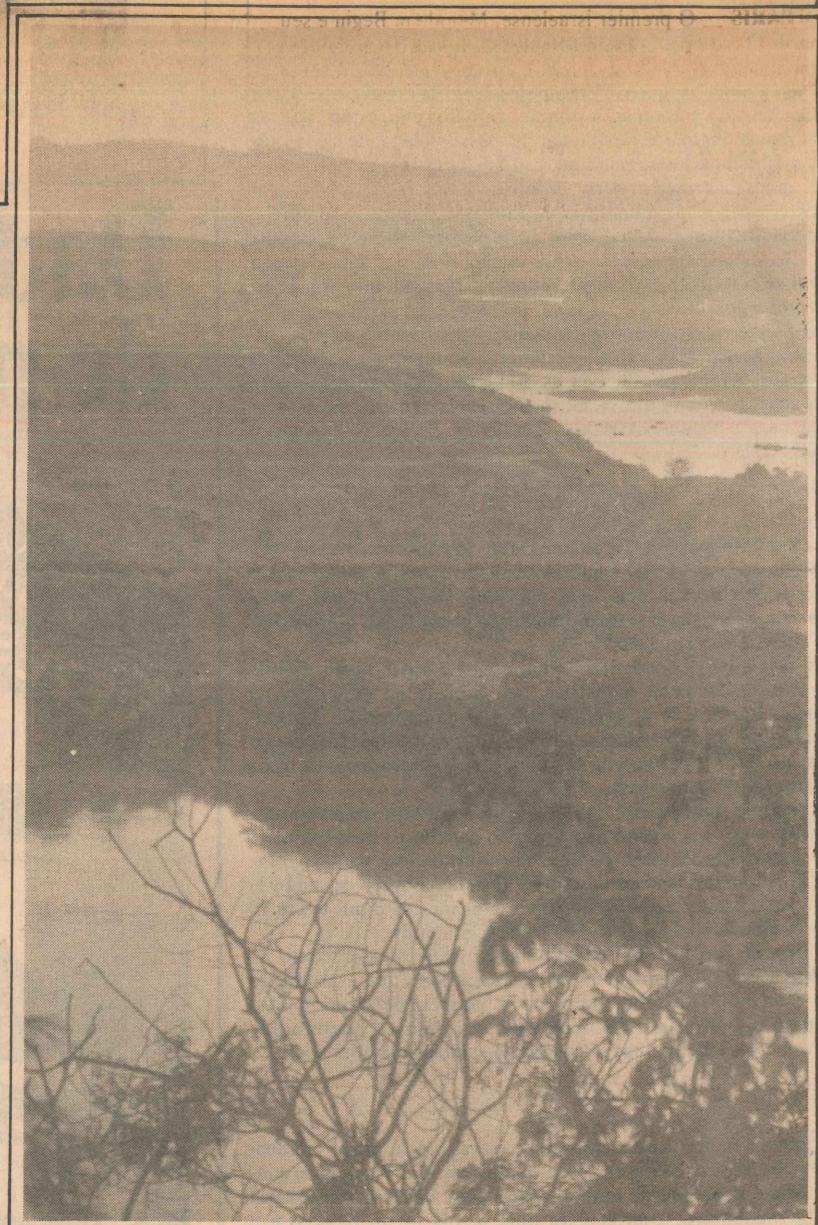
A velha hidrelétrica submersa pelas águas da nova barragem

exploram a lavoura cafeeira e a cana-de-açúcar, além de se dedicar também à pecuária, porém em menor escala. Estas fazendas absorvem quase toda mão-de-obra disponível na região e nos nossos dias, devido ao exódo rural ocorrido com a erradicação do café em final da década de 60, encontram dificuldades em encontrar braços para a lavoura.

Dois grandes projetos estão sendo executados agora, naquela região. O primeiro é a nova ponte que atravessa o rio, na propriedade da família Fontenelle, e que servirá a rodovia asfaltada que está sendo construída, ligando diversas comunidades interioranas. O outro é a expansão da lavoura cafeeira, que vem sendo incentivada pelo Governo Federal o que está causando uma nova onda de movimentação entre os agricultores capixabas. Estes dois projetos vão influenciar diretamente na capacidade econômica da bacia do Rio Doce, neste trecho entre Baixo Guandu e Colatina.

PESCA

O Rio Doce, antes piscoso por excelência hoje já não tem mais peixes, excetuando-se o cascudo e o dourado. Próxima à localidade de Itapina, já no município de Colatina, está funcionando a Escola Agropecuária de Colatina onde se faz experiência com a criação de tilápias e carpas, para procriação em cativeiro. Ali também, se fez trabalho semelhante com o pitu — uma espécie de lagosta de água doce — dentro de um plano de desenvolvimento da pesca



Os meandros do Rio Doce formam um magnífico panorama em todo o vale entre Baixo Guandu e Colatina

patrocinado pela Sudepe. Os peixes são criados em grandes tanques e depois devolvidos ao Rio Doce, em regiões apropriadas. O biólogo Jorge Antônio da Silva, encarregado do projeto, afirma que a redução da fauna do rio se deve principalmente ao desmatamento das suas margens e à poluição derivada dos resíduos das muitas indústrias instaladas ao longo de seu curso.

Já o biólogo Nestor dos Santos Lopes, que estuda a vida do pitu, atribui a sua constante diminuição no rio à pesca predatória e ao assoreamento do leito do rio: — "Pescam muitas fêmeas ovadas, especialmente agora que no rio não tem mais peixes, e impedem desta maneira o seu desenvolvimento. O assoreamento do leito está encobrindo as pedras, que é onde o pitu se protege na ocasião da procriação. Sem as pedras ele vira um alvo fácil para o dourado, que é um peixe predador, além de ficar privado de seu habitat natural. Como no rio está ficando cada vez mais escasso,

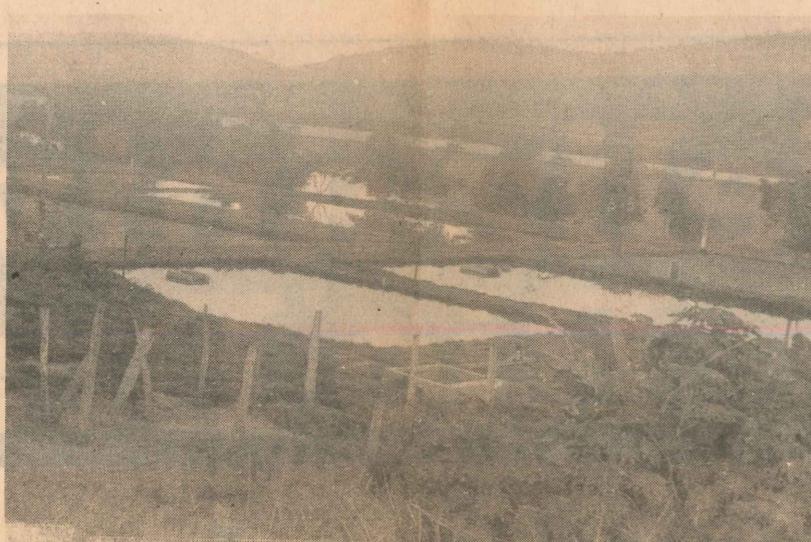
sobrevivência, temos de preservá-lo através da reprodução em cativeiro".

Realmente, o Rio Doce não oferece mais possibilidade para que o homem de suas margens sobreviva somente da pesca, como em outros tempos. O robalo, a piabanha, o guimaratá, as quatro espécies de piaus, a tainha e a piaba, praticamente acabaram. Agora só aparecem, com dificuldade, o dourado, que atinge de cinco a dez quilos, e o cascudo, que vive em tocas nos barrancos de barro vermelho.

Antônio Gonzaga Neto, um velho pescador que vive às margens da represa de Mascarenhas, relembra saudoso dos tempos em que os vapores subiam o Rio Doce até o Porto Final, próximo a Baixo Guandu. Ele afirma que o Rio Doce está simplesmente acabando. Era fundo e ficou raso. A água antes transparente, agora esta barrenta. "Os peixes sumiram e tudo está muito diferente" — afirma ele. (Amanhã — Assoreamento e poluição ameaçam as populações ribeirinhas).



Lusiff Amin, assessor da Prefeitura de Baixo Guandu, mostra a nova ponte que deverá ser inaugurada em breve



Os tanques de criação de peixes na Escola Agropecuária de Colatina, nas margens do Rio Doce